

Fragmento das Dinâmicas Culturais: Aculturação e Enculturação^{1,2}

Fragment of Cultural Dynamics: Acculturation and Enculturation

LEANDRO GOMES

Doutor em Antropologia Social e Cultural pela
Universidade de Coimbra/ Portugal - bolsista CAPES.
leandroegomes@gmail.com

RESUMO

Neste artigo são abordadas algumas das questões sobre a construção da cultura, dos agentes e mecanismos envolvidos nos processos de reconstrução, desconstrução e construção da cultura. Isto é, contextos, ações e agente internos e/ou externos de transformação, num processo contínuo, com variadas nuances, que perpassam pela aculturação, enculturação. Buscamos assim esboçar, através de fragmentos de algumas obras e autores, quais são esses conceitos e definições, a fazer uma reflexão dos elementos corresponsáveis pelas dinâmicas da cultura em cenários teóricos diversos. Além, apresentamos uma analogia, através de elementos físico-químicas, para auxiliar na compreensão das dinâmicas culturais.

Palavras-chave: Dinâmicas Culturais. Cultura. Aculturação. Enculturação.

ABSTRACT

In this article some of the questions about the construction of the culture, of the agents and mechanisms involved in the processes of reconstruction, deconstruction and construction of the culture are approached. That is, internal and / or external contexts, actions and agents of transformation, in a continuous process, with varied nuances, that go through acculturation, enculturation. We seek to sketch, through fragments of some works and authors, which are these concepts and definitions, to make a reflection of the elements co-responsible for the dynamics of culture in diverse theoretical scenarios. In addition, we present an analogy, through physical-chemical elements, to aid in the understanding of cultural dynamics.

Keywords: Cultural Dynamics. Culture. Acculturation. Enculturation.

1 INTRODUÇÃO

O termo cultura, como sentido figurado, foi criado na França, no século XVIII (Período das Luzes), no *Dictionnaire de l'Académie Française*, em 1718, mas com termos agregados como, cultura das: letras, artes, dentre outros. Diz-se sentido figurado, uma vez que a palavra cultura tinha o significado de cultivar, em que se denominava a ação realizada no campo no cuidado dos animais e na lavoura. No

¹ Artigo submetido para avaliação em 17/07/2018 e aprovado em 31/08/2018.

² Este artigo faz parte de pesquisa realizada durante a elaboração da tese de doutorado em Antropologia Social e Cultural, através do programa de financiamento de Doutorado Pleno no Exterior – CAPES - 2013/2017.

período compreendido entre o século XIII e o final do século XVIII, a palavra cultura era utilizada para designar o processo de transmissão de conhecimento, de instrução e de saber, sendo a cultura uma transmissão de saberes acumulados. (CUCHE, 1999)

A palavra cultura nasce no mesmo período da palavra civilização, mas não eram sinônimos, porém, às vezes, eram empregadas de forma errônea. A palavra cultura se refere ao progresso do indivíduo, enquanto a palavra civilização se refere a um progresso do coletivo. A civilização é entendida como sendo um processo de evolução das instituições, leis e sistemas de educação, e esse processo é contínuo, que exige muita transformação e está distante de ser concluído, sendo esses processos melhorias em escala global. (CUCHE, 1999)

A mudança da cultura é resultante de complexos jogos entre forças e grupos sociais, assim resulta em alterações nas estruturas das organizações sociais. Esses processos de mudanças podem ser gradual ou de forma brusca. Quando se dá de forma brusca, pode acarretar em sérios danos a estrutura sociocultural. (CUCHE, 1999)

Desde o surgimento da antropologia no século XIX, como campo de investigação sistêmica, há duas questões sempre em aberto, sendo elas: como estão arranjados os sistemas culturais e como os elementos culturais se arranjaram para construir o que são hoje. (KAPLAN; MANNERS, 1975)

A fim de esboçar uma pequena parte sobre a dinâmica da cultura, construímos este artigo a explorar, de forma sucinta, através de alguns conceitos e definições, as questões de aculturação e enculturação. Além dessas questões, apresentamos também uma breve analogia da cultura com questões físico-químicas de construção de transformação dos elementos. Assim, este artigo procura apresentar como a cultura pode ter diferentes formas de ser vista, bem como, os processos de sua (tras)formação, a fim de possibilitar uma reflexão crítica a cerca da cultura das forças e elementos que a permeiam.

2 DINÂMICAS (RE)CONSTITUTIVAS

2.1 Motricidade

Tem-se, por vezes, uma visão superficial sobre a cultura, em que são negligenciados os seus mecanismos de transformações e derivações. Em diferentes

cenários e escalas, ocorrem transformações através de processos contínuos, num sistema metamórfico. O emprego aqui de termo metamórfico é uma provocação ao mesmo tempo que uma afirmação, pois, a cultura, não nasce através de uma geração espontânea, ou seja, do nada para algo, ela, a cultura, é resultante de múltiplas forças atuantes, e ao mesmo tempo, não é estática, isto é, está em transformação constante, em menor ou maior grau.

Assim, compreender os mecanismos de (re)construção da cultura, sejam eles diretos e/ou indiretos, é um exercício primordial quando, as origens e mecanismos envolvidos nessas (trans)formações culturais. Compreender e mensurar essas forças de atuantes é algo extremamente complexo, pois, as variáveis de influência são múltiplas e têm ações e reflexos diversos no tempo e espaço.

Essa trama construída e de que é constituída o tecido cultural, é ampla e possui fios difusos, fios esses mais ou menos perceptíveis, consoante a aproximação do olhar, cujas peculiaridades intrínsecas, possuem raízes comuns longínquos, que se ramificaram e se transmutaram, a formar um universo infinito recorrentes de variáveis. Entretanto, esses cenários diversos de expressões culturais, em diferentes níveis de escala já mencionado, nem sempre são vistas ou interpretadas com algo positivo, cujas diversidades tomam posicionamento como adversidade.

Seguindo esta linha de pensamento sobre a complexidade cultural, Bernardi (2007) faz uma referência ao pull de sistemas culturais ao longo do tempo e espaço e dos mecanismos e instituições que são criados.

A cultura, de fato assume fisionomias precisas que distinguem no tempo e no espaço. Neste sentido, não há apenas uma cultura, mas muitas. Cada uma delas representa o modo típico e específico pelo qual os povos singularmente definem os próprios valores e interpretações culturais e com os quais organizam as instituições próprias num sistema social distinto. (BERNARDI, 2007, p. 46-47).

Nesta procura por diferenças culturais, Lévi-Strauss (2010) argumenta sobre estas, e de como elas podem ser entendidas, pois, por vezes há algo que turva esta visão e tem-se uma leitura dura e superficial. Pois existem diferenças entre as culturas, mas existem algumas que diferem de umas mais do que das outras. “Por seu lado, estas julgam que a diferença entre as suas culturas respectivas são menos importantes do que

as que prevalecem entre elas e as culturas das primeiras populações.” (LÉVI-STRAUSS, 2010, p.25).

Assim, em Lévi-Strauss (2010), aborda-se a questão das diversidades culturais, quanto ao reconhecimento das diferenças. Mas ele destaca através da sua narrativa, que entre a complexidade de diversidades culturais e as suas relações, podem existir aproximações pelo desejo de se conhecer o exótico. Entretanto, aponta um outro ponto, quando o nível da diferença toma outros caminhos. Quando estão conscientes das diferenças, os mesmos podem ignorar-se ou considerarem-se e estabelecerem um diálogo. Porém, em outras situações, ameaçam-se e atacam-se, contudo, sem colocar em perigo as suas existências.

Entretanto, uma postura “mais nociva”, se assim se pode dizer, é quando é reconhecida a diferença pelas partes, e uma delas acredita e se sente superior à outra, e tem na diferença um argumento de imposição do positivo superior ao negativo inferior, e com isso afirma a desigualdade. Em suma, neste ponto apresenta-se a questão do carácter de superioridade cultural e de subjugação da outra cultura, forçando-a a um processo de inferiorização, domínio, deterioração ou até mesmo de aniquilação cultural, ou seja, de relações interculturais nocivas. (LÉVI-STRAUSS, 2010).

Outro ponto debatido de forma sistémica, são as transformações culturais. Como já foi referido, a cultura é algo dinâmico, algo vivo e em movimento que apresenta mudanças, desde processos sutis e gradativos, a processos impactantes e abruptos.

As transformações culturais são causadas por elementos internos, externos ou ambos, podem causar homogeneização das culturas, sendo necessário compreender as dinâmicas e processos envolvidos e registrar os elementos que acarretam estas transformações. Existe um processo acelerado e de grande escala, nunca antes visto ou registrado, de homogeneização, com uma crescente cultura industrial e urbana, em que os antropólogos procuram compreender como é que estas transformações e mudanças podem ocorrer sem causar grandes choques, e sem por em risco a destruição da unidade e identidade, despersonalização e desestruturação, enfim, como mitigar os impactos nocivos desses processos. (GONÇALVES, 1992).

2.2 Aculturação

A fim de compreender e explicar estas mudanças, há o aparecimento do termo aculturação, pois havia a necessidade de existir um termo conceitual para este processo de mudança cultural por um agente externo, ou seja, o contato com outras culturas, termo esse utilizado desde o início do século XX, pela antropologia alemã, e a partir de 1928, pelos antropólogos anglo-saxões. (LARAIA, 2013).

Em Laraia (2013) é afirmado que, entre algumas ações, face a estas mudanças nocivas ou perdas, foi produzido o Manifesto sobre Aculturação, que foi resultado de um seminário realizado em 1953, na Universidade de Stanford, destacando-se:

[...] qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação. Assim sendo, a mudança que é inculcada pelo contato não representa um salto de um estado estático para um dinâmico, mas, antes, a passagem de uma espécie de mudança para outra. O contato, muitas vezes, estimula a mudança mais brusca, geral e rápida do que as forças internas. (LARAIA, 2013, p.96)

Nesta questão de mudanças culturais, e as suas causas, Laraia (2013) afirma que existem dois tipos de mudanças culturais, uma resultante de ações de agentes culturais internos, como um processo dinâmico do próprio sistema cultural, sendo esta tida como um processo lento. Entretanto, pode haver um processo mais acelerado de mudanças drásticas do ambiente, novas tecnologias, entre outros questões. O segundo processo de mudança apresentado é o da mudança causada por agentes externos, como por exemplo, o contato de um determinado grupo ou grupos culturais, com um grupo que se encontrava isolado culturalmente. Esse processo de mudança pode ocorrer de maneira relativamente rápida.

Mas o autor destaca que é raro ocorrer um processo de mudança cultural, apenas pautada no primeiro, pois, para tal, uma cultura deveria estar isolada das demais. “Por isto, a mudança proveniente de causas externas mereceu sempre uma grande atenção por parte dos antropólogos.” (LARAIA, 2013, p.96).

Assim, em Bernardi (2007) há uma descrição sobre estas de mudanças culturais, na ótica da aculturação, em que diz que “... a aculturação refere-se às relações existentes entre as demais culturas e aos efeitos que derivam do seu contacto.” (BERNARDI, 2007, p. 110). Com isso, Bernardi destaca o isolamento das culturas,

falando de permeabilidade e interação entre culturas e as suas resultantes transformações, como algo comum na dinâmica cultural. O dito isolamento cultural é algo relativo, pois a transformação é ativa, quer seja por agentes internos, como por externos. Com isso, a aculturação, seja ela proporcionada por meio de agentes externos ou por agentes internos, faz parte da dinâmica cultural. Assim a aculturação é um aditivo. Contudo, tem o seu aspeto negativo e desagregante.

Esta dinâmica cultural intitulada de aculturação, segue por várias vias, vias estas conflituosas, com verdadeiros embates, gradativas, meramente sutis, pois para se conseguir observar esta mudança, é necessário ir a origem. “Os contactos culturais causam as transformações no interior de uma cultura, por vias informais e formais, ocultas e patentes, dando lugar a fenómenos de encontro e desencontro, de aceitação e de recusa.” (Bernardi, 2007, p.113). Com isso, a aculturação está ligada ao fator tempo, pois a mudança exige tempo, e para se compreender esta mudança, é necessário identificar um ponto de partida.

Sendo a cultura uma relação entre seres humanos, a sua formação e transformação também é resultante desta interação. Pensar ou tentar um isolamento cultural para uma cristalização cultural é algo utópico, pois, como já mencionado, há forças internas e externas que agem para que estas mudanças aconteçam, e desvendá-las, ou mesmo evitá-las de forma negativa, vai além de uma leitura superficial, em que a preservação deve seguir o caminho do conhecimento e entendimento. A cultura foi, e é construída através de dinâmicas de comunicabilidade entre seres humanos. Sendo assim, o isolamento não se justifica. Entretanto, cabe destacar que estas interações primam por serem pacíficas e construtivas, e não impositivas.

A aculturação consiste em, e vai além de, mecanismos de mudança. Mas também como elementos de formação cultural, a aculturação pode ser uma via para resolver problemas existenciais. Assim, a aculturação assume e torna-se via construtiva, produtiva de cultura.

Disse-se que a aculturação é um fenómeno complexo; em grande parte fica oculto, como um «iceberg». Quando se torna patente, e dela se toma consciência, então o processo é já aceite e irreversível. Há quem, no entanto, observe que «uma mutação social só se torna verdadeiramente irreversível no momento que se inscreve nas inovações pedagógicas» (LAS PIERRE, 1970: 47).” (BERNARDI, 2007, p.127).

Em suma, a aculturação viceja como ação/força polifônica entre memória e esquecimento, elemento (des)construtivo, veneno ou soro conforme a aplicabilidade.

2.3 Enculturação

Outro fenômeno, a enculturação, é vista como um elemento positivo, pois é usualmente tida como um mecanismo de formação cultural, isto é, de transmissão, recepção e interiorização de informações. Estas informações podem ser práticas ou teóricas, sendo assimiladas pelo receptor, e partem de um membro da cultura ou de algum perito, ou até mesmo de alguém que recebeu capacitação para tal. Assim, este fenômeno é entendido como passivo, ou seja, construtivo, com uma correspondência e aceitação livre por parte do receptor. (BERNARDI, 2007)

Assim a enculturação é tida como ação educativa, em que membros da cultura tornam-se conscientes e participantes, informam-se e formam-se, num objetivo de orientar a sua visão mental e o seu comportamento.

A informação nutre a consciência, e a criança, de criatura totalmente dependente torna-se pessoa responsável e autônoma (de child, neutro, transforma-se em he ou she, com personalidade). Os padrões e valores culturais como se viu, não são recebidos passivamente, antes servem para suscitar o seu juízo crítico. (BERNARDI, 2007, p.102).

A prática de enculturação pode ser realizada tanto por indivíduos, como por instituições, os ditos meios informais ou formais. O informal dá-se desde o momento do nascimento e ao longo da vida, em que as informações, ou melhor dizendo, a formação é recebida de forma consciente, ou não. Já a enculturação formal tem por um dos objetivos, aumentar a inserção na sociedade, a qual é realizada através de várias manifestações, tendo como um dos intuitos, preparar para as responsabilidades do matrimônio, atividade política e militar... Neste ponto, tem-se quase sempre um carácter coletivo e raramente tem um carácter individual. (BERNARDI, 2007).

Contudo, neste ponto cabe ressaltar que a transmissão não assegura a assimilação e reprodução, e que esta forma também permite e engloba uma mudança cultural, pois pode ocorrer uma rejeição por parte do indivíduo, uma vez que os conjuntos de valores e comportamentos podem ser rejeitados pela experiência, ou

mesmo modificados. Contudo, através da enculturação, a cultura passa estar no indivíduo, de um mero elemento abstrato ao estado concreto. (Bernardi, 2007)

O homem torna-se, assim, cultura. Quem encontra um homem, encontra cultura, ainda que seja apenas numa forma individuada e capilar. É de profundo significado e suma utilidade evidenciar esta identidade. De facto, isso permite dissipar muitos equívocos sobre o conceito de cultura e ainda esclarecer o valor das relações humanas. (BERNARDI, 2007, p.59).

Através da questão apresentada, afirma-se que não há um sistema de transmissão de valores livre de questionamentos, isto é, o que é transmitido pode não ser percebido como absoluto e puro. Também pode haver, por parte de quem recebe um questionamento, ou uma interpretação diferente. Com isso, também se evidencia o papel importante do indivíduo na cultura e para a cultura. (BERNARDI, 2007).

Em Iturra (1991), é descrito sobre esta questão de reprodução social, em que ele diz que qualquer sociedade se utiliza de um sistema de relações de indivíduos para indivíduos, cada qual com seu entendimento, consoante a sua maior ou menor experiência no espaço e tempo, em que estes mais ou menos experientes convivem, e os mais experientes ensinam aos menos. Nisso, estes últimos veem, ouvem e imitam os anteriores, com isso criam os meandros das relações e ligações com os demais, num processo de experiência acumulada.

Bourdieu (2007) fala a cerca da transmissão do capital cultural, cujo os grupos detentores, transmitem aos seus pares hereditários esse capital de uma forma cíclica, embora seja ou esteja disponível a todos, somente aqueles que possuem os códigos para descodifica-los terão capacidades para apropriar-se desses bens. Ou seja, dessa forma os bens culturais são transmitidos e apropriados pelos então selecionados e dignos de acesso.

A tradição cultural é normalmente transmitida de geração em geração. Assim, por esse motivo, há em cada cultura mecanismos e métodos para tal. Existe a necessidade de se manter a ordenação e organização, formas limites que visam garantir e sustentar as regras e normas estabelecidas, seja por lei ou outros mecanismos. Assim, procura-se manter essa dinâmica de transmissão, com o objetivo assegurar o bom funcionamento, seja por instituições, grupos e/ou mecanismos. (MALINOWSKI, 2009).

Quando o processo de enculturação é bem-sucedido, isto é, a transmissão, recepção, assimilação e apropriação, o indivíduo passa a ser parte dessa cultura, como

um elo da mesma, um elemento atrelado a esta. Como mencionado anteriormente, ele torna-se a cultura viva, assim como, o possível criador e transformador da mesma. (BERNARDI, 2007).

Sendo assim, a enculturação apresenta-se como aspecto construtivo e edificante da cultura, bem como elemento que permite e proporciona o movimento e transformação.

2.4 Dinâmicas

Vale ressaltar que enculturação e aculturação não são fenômenos existentes nas culturas, de forma linear e sucessiva, pois todas as culturas foram, ou estão suscetíveis em determinado tempo e espaço. As culturas existentes na contemporaneidade são derivadas destes fenômenos sucessíveis, em maior ou menor grau.

Sendo assim, nesta dinâmica da cultura, o que existe hoje não é necessariamente o que existiu ontem, ou o que existirá amanhã. Há, houve e haverá outros elementos, pois como sistema dinâmico, há novas “entradas e saídas” de traços culturais, ou mesmo, mutabilidades dos mesmos. Se estas mudanças são para pior, ou para melhor, essa é uma questão relativa. (BERNARDI, 2007).

Nas mudanças culturais, por vezes existem aqueles que querem manter certos valores, e outros que querem agregar novos valores, ou mesmo um rompimento, sendo que, num mesmo grupo cultural, pode-se encontrar ambas vertentes. Por menor que seja a mudança, ela é resultado de vários interesses e conflitos. (LARAIA, 2013).

Vive-se num mundo em que as mudanças se tornam cada vez mais dinâmicas, num reordenamento impulsionado pela globalização e economia capitalista, sendo estes alguns sintomas deste mundo, tido como da modernidade. Face a estas mudanças, existem movimentos de procura de afirmação de identidades culturais, assim como de especificidades culturais, como forma de combater alguns efeitos do modelo civilizatório dominante. (ARIAS, 2002).

Segundo Anico (2005), no mundo contemporâneo, entender a cultura como algo puro, essencialmente construído e isolado permeia o erro, pois o que predomina é

um processo dinâmico e híbrido de construção cultural. Nos casos mais avançados e drásticos, há uma homogeneização cultural, sendo a globalização econômica uma das principais causas. Este processo é explicado por um distanciamento dos indivíduos das suas raízes e da história dos seus ancestrais e território.

Entretanto, há uma outra linha de pensamento que defende que este entender o mundo contemporâneo, e as ditas perdas e homogeneização cultural, é algo nostálgico. Com isso, alegam que parte destas “perdas culturais” eram formas alienadas de pensamentos, apenas reproduzidas e não racionalizadas. (ANICO, 2005).

Contudo, Anico (2005) também destaca que, confrontado com esse movimento de homogeneização, há também o contramovimento que busca justamente acentuar essas diferenças culturais, a fim de destacar o seu papel identitário. Esta forma de resgate segue por diversas vias, seja por um processo nostálgico, identitário, político ou econômico... Seja qual for a intenção e, mais uma vez, a questão, as dinâmicas culturais e os seus mecanismos de construção e reconstrução tornam-se evidentes.

3 ANALOGIA DERIVADA: UMA CONSTRUÇÃO FÍSICO-QUÍMICA DA CULTURA

Assim, sobre as reflexões mencionadas de parte das dinâmicas da cultura, busca-se uma forma didática, esboçar um “pequeno ensaio” sobre a cultura, através de uma alusão ao processo e constituição físico-química de formação dos elementos e compostos.

Numa sobreposição e reordenamento, ligação, ficção ou fusão, ou como no preceito de Lavoisier em que “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”, analogicamente falando, ela, a cultura, é um processo de construção a partir de algo, pois a cultura não é uma geração espontânea, ela nasce e deriva de algo, como uma cadeia de átomos, induzida ou não, em que as forças de atração que as construiu, que, por mais forte que seja a sua ligação, é suscetível de ser quebrada ou transformada, devido à força de reação.

Assim, a cultura pode ser compreendida através de um processo físico-químico, em que a sua construção é realizada através da interação de átomos, que podem ser compreendidos pelos indivíduos. Esses átomos unidos formam uma cadeia

(moléculas). Estas cadeias, que forma o produto/compostos resultantes desses átomos, podem ser entendidas como os arranjos culturais.

Os produtos/compostos físico-químicos resultantes destes átomos, as moléculas, podem ser mais ou menos instáveis ou estáveis, e, por mais estáveis que se apresentem, ou formem elementos nobres e duradouros, tal como alguns metais nobres (aqui a fazer uma alusão ao brilho), não estão livres dos processos de oxidação e reação, com o tempo, ou seja, são passíveis de uma mudança ou transformação. O mesmo pode-se dizer e aplicar aos arranjos culturais, que são aparentemente e relativamente estáveis, mas podem aparecer elementos que podem gerar uma desinstabilidade e uma transformação.

Como num processo químico de reação, há elementos das cadeias que são desprezados, consoante a reação e interação, ou que são transformados para dar lugar à formação de uma nova cadeia. Os arranjos culturais não são diferentes, pois há indivíduos que têm as suas convicções, que não aceitam uma mudança, enquanto, já outros, estão ou são transformados de acordo com o novo arranjo pretendido. Assim, como nas reações dos átomos e moléculas, tudo depende das forças atuantes e afinidades, seja de forma externa ou interna, permanente ou temporária, com ou sem um catalisador na reação.

Numa transformação físico-química contínua, como na cultura, os compostos e resquícios das reações auxiliam no processo de compreensão sobre a interação físico-química, e atores culturais, esses vestígios, subprodutos ou os oxidados diversos possíveis pelas reações, são importantes num processo de investigação, pois permitem entender as mutações, ao longo do tempo e espaço.

O termo mutante é bem aplicável quando se trata de questões da cultura, pois como mencionado, e seguindo a analogia do princípio de Lavoisier, em que “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”, mutar é o que faz a cultura, torna-se adaptativa às necessidades e recursos do meio, também face aos interesses. Esse uso associado de termos e questões da física, química e biologia, auxiliam na explicação desta complexa e densa palavra cultura.

Esta analogia poderia alongar-se, e explicar as várias relações existentes nos processos culturais, pois estas características físico-químicas exemplificam, de maneira análoga e clara, os arranjos culturais e as suas construções e transformações ao

longo do tempo, e as influências dos diversos atores envolvidos. Contudo, põe-se aqui um ponto e vírgula nesta analogia de experimentação, de uma explicação sobre a cultura, nas suas vertentes das dinâmicas de construção e reconstrução.

A analogia apresentada sobre cultura tem como objetivo uma busca descritiva da cultura, da sua construção, do seu aparato de situações de formação e de interações culturais, divergente e convergentes, reconstrutivas, pois ao fazer-se uma viagem até aos tempos primórdios da humanidade, a cultura nasce das necessidades (fisiológicas, psicológicas, sociais...), daí, ao longo dos tempos, e com novas necessidades, ela vem derivando-se e transformando-se, de acordo com os recursos disponíveis. E assim, segue a caminhada num tempo e espaço, a qual registramos como herança.

A cultura, como foi descrito, é repleta de elementos dinâmicos, moldáveis e adaptativos, consoante o espaço e tempo, em que os elementos humanos, agentes e agências, são responsáveis por esses processos de construções e reconstruções, sejam elas com inclinações mais voláteis ou concretas, densidades também estabelecidas pelas tramas de abstrações. Abstrações, pois, construir elementos culturais é justamente isto, processos de abstrações objetivas consoante as necessidades, interesses e recursos. Recursos esses de indivíduos, grupos, instituições. Representação metamórfica e metafórica, cujo sentido e variação, que por vezes pode parecer estanque, mas é mero sentido transitório, ilusória motriz de movimento perpétuo.

4 CONCLUSÕES

Esses diferentes olhares a cerca da cultura e dos complexos mecanismos de (re)construção, enfatizam o quanto são dinâmicos e interligados. Ao analisar a cultura de forma crítica, podemos verificar que existem ações diversas que interferem de forma direta e indireta nas culturas, sendo necessário pesquisas e análises pormenorizadas para se compreender os elementos e confluências que moldam, transformam e interferem na cultura.

Neste artigo buscamos fazer uma síntese sobre como a cultura é um elemento aberto e dinâmico, cujas ações e forças diversas atuantes, sejam do pretérito

ao presente, a moldaram e a moldam. Destacamos também o quanto ela, a cultura é complexa, com diversos meandros de profusão, cujo construto não é isolado, mas sim derivado. Derivações essas veladas ou latentes, “naturais” ou intencionais, produtos e subprodutos, de interações catalisadas, mais ou menos estáveis consoantes aos elementos do “compósito cultural”.

Neste pequeno esboço teórico, buscamos contemplar uma pequena, mas importante fração sobre as dinâmicas culturais, através de conceitos, definições e analogias, a fim de auxiliar nas reflexões quanto a complexidade e densidade de questões abarcadas por uma palavra e termo sucinto, cultura.

REFERÊNCIAS

ANICO, Marta. A pós-modernização da cultura: património e museus na contemporaneidade. **Horizontes Antropológico**, nº 23. p. 71-86. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a05v1123.pdf> . Acesso em: 03 jul. 2019.

ARIAS, Patricio Guerrero. **La cultura- Estrategias conceptuales para entender la identidad, la alteridad y la diferencia**. Quito. Abya- Yala. 2002.

BERNARDI, Bernardo. **Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos**. Lisboa. Edições 70. 2007 (1974).

BOURDIEU, Pierre. **Reprodução Cultural e Reprodução Social. In: A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo. Editora Perspectiva S.A. p. 295-336. 2007 (2005).

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Lisboa. Editora Fim de Século. 1999.

GONÇALVES, António Custódio. **Questões de Antropologia Social e Cultural**. Porto. Editora Afrontamento. 1992.

ITURRA, Raúl. **A Religião como Teoria da Reprodução Social**. Lisboa. Escher. 1991.

KAPLAN, David; MANNERS Robert. **Teoria da Cultura**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 1975.

LARAIA, Roque de Barros. **Definições e Conceitos Sobre Cultura**. Rio de Janeiro. 25ª edição. Editora ZAHAR. 2013 (1986).

LÉVI- STRAUSS, Claude. **O Olhar Distanciado**. Lisboa. Edições 70. 2010 (1983).

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma Teoria Científica de Cultura**. Lisboa. Edições 70. 2009 (1972).